

LITERATURA NEGRA: DO DIREITO AO SONHO

AFRO-BRAZILIAN LITERATURE: ABOUT RIGHTS AND DREAMS

Deborah Monteiro¹

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.142676

RESUMO: Este artigo tem como objetivo mostrar como as diversas exclusões às quais a população negra brasileira foi submetida criaram barreiras para que a literatura fizesse parte da vida da maioria das crianças e jovens negros brasileiros, assim como evidenciar a empreitada de negras e negros que ousaram desafiar o racismo com romances e poesias.

ABSTRACT: The article aims to show how various exclusions of Brazilian black population have created barriers to make literature part of the lives of most black children, just as evidence the work of blacks who dared to defy racism with novels and poetry.

¹ Mestranda da Faculdade de Educação da USP. Título da pesquisa: *Poesia que pula os muros da escola: a prática de Saraus e slams nas escolas para descolonização do currículo através do ensino de literatura negra e resgate da corporeidade ancestral*, sob orientação da Professora Dra. Ana Cristina Zimmermann.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura negra; Ensino de literatura; Relações étnico-raciais.

KEYWORDS: Black literature; Literature studies; Racial relations.

SONHAR, MAIS UM SONHO IMPOSSÍVEL?

“[...] Ceis já pararam pra ouvir alguma vez os sonhos dos menino? É tudo coisa de centímetros: um pirulito, um picolé, um pai, uma mãe e um chinelo que lhe caiba no pé...” (RIBEIRO, 2017)

Literatura é sonho. Alimenta a alma e nos torna maiores. Transforma, de dentro para fora, o olhar para o espelho e o movimento do corpo que se debruça à janela do mundo. Seus enredos, invenções e ritmos têm lógica própria e, sem pudor algum, nos arrancam de nossas vidas e nos conduzem a universos outros. Nessas viagens, deparamo-nos com provações, estranhamentos, maravilhas e conflitos que passam a habitar nossa existência, preenchendo-a sem nunca a completar.

A relação entre sonho e literatura foi apresentada várias vezes, sob diversas perspectivas, considerando os muitos sentidos da palavra *sonho*. Sobre os devaneios que o leitor vivencia através das imagens literárias, Mata comenta que “[...] as imagens comprometem o ser, aumentam a lin-

guagem e a liberam de sua função utilitária. Nesse sentido, tanto o filósofo como o poeta são ‘sonhadores de palavras’” (MATA, 2014, p. 49). A escritora Ana Maria Machado, em entrevista ao jornal *O Tempo*, de Belo Horizonte, afirma que:

Ler permite sonhar, vencer angústias, desenvolver a imaginação, viver outras vidas, conhecer outras civilizações. Por isso, é natural que as pessoas gostem. Basta dar uma chance para que isso aconteça. (MACHADO, 2012 apud ROMAGNOLLI, 2012)

Já Vincent Jouve compara o ato de ler ao de sonhar tomando emprestado o conceito de “regrediência” de Christian Metz (1984) analisando as sensações do sujeito leitor durante o ato de ler:

Em termos de energia psíquica, a situação do sujeito que lê aparenta-se com a do sonhador. A leitura, como o sono, fundamenta-se na imobilidade relativa, uma vigilância restrita (inexistente para aquele que dorme) e uma suspensão do papel de ator em favor do de receptor. O leitor colocado assim numa situação econômica parecida com a do sonhador, deixa suas excitações psíquicas se engajarem em um início de “regre-

diência". (JOUVE, 2002, p. 115)

O mesmo autor entende ainda que saímos da leitura-sonho “nutridos da ficção” e que cada mergulho que damos em uma história se configura em nossa mente como experiência vivida, o que também pode ocorrer quando sonhamos e nossas vivências durante o sono, de alguma maneira, modificam nossa vida acordados. Logo, o sonho pode determinar nosso humor ao acordar, pode trazer uma resposta a um problema, pode nos fazer sentir pavor, medo ou esperança, tal qual a literatura (JOUVE, 2002).

Durante toda a história da humanidade, temos nos interessado por devaneios. O fascínio humano pela ficção é inegável, não à toa, histórias criadas estão presentes em praticamente todas as sociedades. Tais criações são riquezas incalculáveis e se configuram como parte constituinte das culturas dos povos, sejam registradas na escrita ou transmitidas pela tradição oral, estão vivas para que vivamos também por meio delas e têm poder de ressignificar fatos corriqueiros da vida privada, assim como os históricos de uma nação.

Nesse sentido, consideremos o artigo “O direito à literatura”, de Antonio Candido, no qual o autor se vale da relação entre literatura e sonho para defender a necessidade fundamental desta, caracterizando-a como um direito humano e argumenta:

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. Alterando o conceito de Otto Ranke sobre o mito, podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. (CANDIDO, 1995, p. 242)

No decorrer deste artigo, pretendo me aliar a Candido na ideia de literatura como direito humano promotor de equilíbrio psíquico e social, reconhecendo seu caráter humanizador. Contudo, parto do seguinte questionamento: se a literatura, assim como sonho, é um direito humano, será que esse direito tem sido garantido a todas e todos?

Os enredos da sociedade brasileira nos mostram que nem mesmo direitos humanos ligados à subsistência, integridade física e dignidade têm sido garantidos a todas as pessoas. Segundo o CEERT (Centro de Estudos das Rela-

ções de Trabalho e Desigualdade):

[...] os indicadores de proporção de domicílios, segundo cor e raça do chefe da família, em diversos serviços como abastecimento de água, domicílio com esgotamento sanitário ou com saneamento básico adequado, com acesso à energia elétrica ou a serviço de coleta de lixo, mostram, invariavelmente, uma menor cobertura para a população negra. (BENTO; SANTOS; SILVA JUNIOR, 2010, p. 187)

Nessa escassez de serviços e direitos, o sentimento de dignidade fica comprometido e percebemos que o sonho da literatura se torna fator secundário para parte da população. No Brasil, ainda hoje, o acesso à literatura tem raça, classe e gênero. Com essa afirmativa não pretendo aqui reforçar barreiras, mas estudar como foram construídas e ousar sugerir possibilidades de diluí-las significativamente por meio de um ensino que valorize o pacto entre autores e leitores, para que a literatura seja garantida a todas e todos desde a mais tenra idade através da educação pública, e que sonhar deixe de ser um privilégio de alguns e torne-se direito de todos.

Proponho, portanto, que tracemos algumas reflexões em torno da posição do negro na literatura nas instâncias de leitores, autores, personagens e estudantes de literatura

na escola pública.

O SONHO DOS OUTROS

“Até que os leões inventem as suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis das narrativas de caça.” (COUTO, 2012, p. 5)

A ideia de caça e caçador do provérbio que citei acima nos leva à sensação de conflito que aqui é intencional, não porque seja meu desejo tencionar a relação entre brancos e negros na literatura, mas para mostrar a tensão já existente da qual se trata insuficientemente.

Se pouco conhecemos, principalmente na escola, autores negros, verdades negras, culturas negras e personagens negros que não fossem estereotipados, se a maior parte do que lemos eram os sonhos dos outros, como poderia nossa própria imagem nos parecer interessante e digna de literariedade?

Os autores brasileiros, em maioria homens brancos, não apenas trouxeram poucos personagens negros ao nosso imaginário, como colaboraram para a manutenção de uma série de características negativas, ainda hoje associadas a essa população. Segundo Viviane B. Fernandes e Maria Cecília C. C. de Souza:

As representações de todos os grupos sociais

circulam no meio social produzindo sentidos e consequências. No entanto, algumas representações ganham maior visibilidade e passam a ser consideradas como expressão da realidade social. Na sociedade brasileira, assim como em outras, as representações que prevalecem são construídas por narrativas hegemônicas, capazes de representar um grupo social em detrimento de outros. Essas representações foram construídas mediante a óptica eurocêntrica, que institui sentidos de “normalidade” e “anormalidade”, estabelecendo como norma padrão o homem, branco, heterossexual, cristão. Os indivíduos que não correspondem a esse padrão são vistos como desviantes, abjetos, e excluídos socialmente. (FERNANDES; SOUZA, 2016, p. 104)

A literatura dos homens brancos em muitos casos simplesmente reproduziu os padrões eurocêntricos aí citados na construção das tramas e personagens negros. Domício Proença Filho analisa alguns estereótipos desses personagens: *o negro nobre, negro vítima, negro infantilizado, negro pervertido e negro exilado na cultura brasileira* (PROENÇA FILHO, 2004). A literatura, portanto, não inventou as imagens negativas atribuídas à população negra, mas reproduziu a invisibilidade das pessoas negras ao represen-

tá-las como seres sem subjetividade.

Ainda hoje a literatura se mostra como privilégio branco e masculino. Regina Dalcastagnè coordenou a pesquisa *A Personagem do Romance Brasileiro Contemporâneo: 1990 – 2004*, pela Universidade de Brasília, na qual constatou que, mesmo após a ampliação da escolarização e algumas políticas afirmativas voltadas à igualdade de oportunidades, é preocupante a disparidade entre homens e mulheres na literatura nacional e que ainda mais alarmantes são os dados que trazem o recorte racial, como consta no relatório:

Mais gritante ainda é a homogeneidade racial. São brancos 93,9% dos autores e autoras estudados (3,6% não tiveram a cor identificada e os “não brancos”, como categoria coletiva, ficaram em meros 2,4%). Uma imensa maioria possui escolaridade superior (78,8%, contra apenas 7,3% de não superior; os restantes não tiveram escolaridade identificada). E, em grande medida, aqueles que participam do campo literário já estão presentes também em outros espaços privilegiados de produção de discurso, notadamente na imprensa e no ambiente acadêmico. (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 31)

Observemos a tabela:

Tabela 11: Cor das personagens

branca	994	79,8%
negra	98	7,9%
mestiça	76	6,1%
indígena	15	1,2%
oriental	8	0,6%
sem indícios	44	3,5%
não pertinente	10	0,8%
total	1245	100%

Fonte: pesquisa “Personagens do romance brasileiro contemporâneo” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 45)

A mesma pesquisa expõe ainda a relevância das personagens para as narrativas:

Tabela 12: Cor e posição das personagens

	branca	negra	mestiça	indígena	oriental	sem indícios	não pertinente
protagonista	84,5%	5,8%	5,8%	1,5%	-	2,0%	0,3%
coadjuvante	77,9%	8,7%	6,3%	1,1%	0,9%	4,0%	1,0%
narradora	86,9%	2,7%	3,8%	-	-	4,9%	1,6%
total	79,8%	7,9%	6,1%	1,2%	0,6%	3,5%	0,8%
	<i>n</i> = 994	<i>n</i> = 98	<i>n</i> = 76	<i>n</i> = 15	<i>n</i> = 8	<i>n</i> = 44	<i>n</i> = 10

Obs. Eram possíveis respostas múltiplas na variável “posição”.
 Fonte: pesquisa “Personagens do romance brasileiro contemporâneo” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 46)

As personagens foram divididas também por gênero e raça, o que levou a constatação de que a ausência é também feminina, já que entre protagonistas, 206 eram homens

brancos, 83 mulheres brancas, 17 homens negros e apenas 3 mulheres negras. Como se vê, ainda hoje há poucos personagens negros na literatura nacional, e entre os existentes, raríssimos são os protagonistas, coadjuvantes ou narradores e qualquer que seja a posição, mulheres negras estão em menor número. São 3 mulheres negras protagonistas contra 206 homens brancos (DALCASTAGNÈ, 2005).

A respeito da trajetória das personagens femininas negras, Andréia Lisboa de Sousa afirma:

Essa personagem figurando ora como anjo ora como demônio é vista como um ser irresistível: a “tentação”, como objeto sexual, desregrada etc. Desde os versos de Gregório de Matos, podemos notar que, apesar de muitas vezes desferir ataques atingindo também à personagem da mulher branca, esta ocupa uma posição de maior dignidade, cabendo à personagem feminina negra o aviltamento e a depreciação. (SOUSA, 2005, p. 186)

Se, por um lado, não é uma obrigação dos autores criarem personagens encomendados para melhor equilibrar essa realidade, por outro, como ficam os meninos e as meninas negras que estão na escola, sendo ensinadas a ler e

a apreciar literatura, quando se deparam apenas com livros que tratam de pessoas completamente diferentes delas e deles?

Chimamanda N. Adichie em *Os perigos de uma história única* (2009) comenta que, mesmo com pouca identificação com as personagens, ela nutria interesse pela literatura, até porque ela era de uma família mais abastada e letrada, que tinha contatos com outras culturas. Mas a autora também mostra que, antes de conhecer os autores que contavam histórias de seu povo, com personagens africanos, ela mal conseguiria conceber que uma garota negra poderia ser protagonista de um romance e, até quando ela mesma tentava escrever histórias, a literatura era lugar distante, como se estivesse sonhando o sonho de outro, o que poderia ser incrível não fosse apenas o efeito da história única que a fazia reproduzir lógicas e símbolos que não lhe faziam sentido e a impediram, por algum tempo, de reconhecer a poesia ao seu redor.

LEÕES QUE CONTAM SUAS PRÓPRIAS HISTÓRIAS

Como já citado, a memória oral da ancestralidade não parou nunca de criar e contar histórias e, à medida que negras e negros foram se colocando na cultura escrita, novas vozes surgiram também na literatura. É preciso compreender as trajetórias daqueles que ousaram contar as próprias histórias, analisando as barreiras sociais ainda tão presen-

tes, assim como as possibilidades de sonhar que a literatura negra nos possibilita.

Segundo Proença Filho, “Evidenciam-se, na sua trajetória no discurso literário nacional, dois posicionamentos: *a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada*. Tem-se, desse modo, literatura sobre o negro, de um lado, e literatura do negro, de outro”. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 161)

Muitos autores negros têm apresentado *o negro como sujeito, numa atitude compromissada* e, mesmo diante dos racismos à brasileira, têm tecido com as linhas da poesia tramas e personagens que expõem as tantas questões que envolvem o cotidiano do povo negro. O racismo das mídias mais populares e dos currículos impediu que muitos desses autores fossem reconhecidos ou, quando não pode omiti-los, branqueou suas imagens, o que manteve a ideia de uma literatura pertencente à elite branca. Ainda assim, esses autores existiram e fizeram de sua literatura resistência humanizadora.

A esse respeito, Sarteschi (2015) comenta:

São vozes que não pretendem calar o outro, mas têm, sobretudo, a intenção de colocar-se dialeticamente diante desse outro, construindo um diálogo pleno de significados em que as dores, as fraturas e as tensões não são escamoteadas ou ignoradas. Neste trabalho de desconstrução e

reconstrução, reinventam uma mitologia libertadora a partir de novas bases; transformando, assim, o caráter tornado reificador da experiência negra, devolvendo-lhe a humanidade sequestrada. (SARTESCHI, 2015, p. 386)

Mario Augusto Medeiros da Silva intitula sua tese sobre literatura negra e periférica de *A descoberta do insólito*, não porque tivesse ele próprio descoberto algo que quase não existia, mas pelo fator de estranhamento que a insurgência desses autores causa na mídia e na academia:

(...) o insólito é o resumo da pergunta, muitas vezes preconceituosa, frequentemente feita ao surgimento de cada um dos estudados aqui, por diferentes autores, críticos, jornalistas e intelectuais: Como eles foram possíveis? Um escritor nessas condições? Isso é literatura ou documento social? Na história literária brasileira, o escritor negro passou a ser visto como uma espécie de avis rara. (SILVA, 2013, p. 29)

Para compreender a invisibilidade de autores negros e suas dificuldades de se manterem na profissão de escritores, tomemos como exemplo a trajetória de Carolina Maria de Jesus, em suas palavras:

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade. (JESUS, 2007, p. 196)

Carolina Maria de Jesus foi uma escritora vinda de Minas para São Paulo, onde viveu em uma favela e sustentava a família catando papel, do qual ela guardava algumas folhas para escrever sobre o cotidiano. As palavras de Carolina são o grito abafado, amassado em folhas de papel velhas catadas do chão, e mostram o quanto um sonho que poderia ser tão comum em outros grupos sociais, o de ser escritora, tratando-se dela, por ser pobre e escrever a verdade, era motivo de ódio e inimizades.

É com revolta e muita razão que Carolina Maria de Jesus trata políticos e patrões como possíveis culpados pela sua dificuldade em realizar o sonho de ser escritora. As condições sociais da população negra brasileira, produzida, inclusive, pelo abandono desta população por parte das políticas públicas e os maus-tratos dos patrões, impediram muitas pessoas negras de realizarem os ideais que ela chama de “nobres”.

A carreira de Carolina Maria de Jesus como escritora

foi profundamente atravessada pelo racismo, tanto no que diz respeito às condições sociais de origem, fruto de um racismo estrutural, quanto no modo como foi sendo abandonada pela imprensa e pela classe média brasileira. Segundo Meihy e Levine:

Por razões diversas e algumas de explicação indireta (...), mas especialmente pela reação estranha da escritora em face da atitude impertinente da imprensa, da classe média brasileira e paulistana e da elite intelectual, a queda de seu prestígio foi tão brusca quanto fora sua ascensão. Em pouco tempo, ela foi forçada a voltar à condição de pobre, com dificuldades de sobrevivência. Na miséria, viu terminarem seus dias. (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 18)

Tantos anos após a abolição e uma autora negra ainda teve tantas dificuldades em ter seu trabalho reconhecido em vida. Eis um fato que nos faz pensar sobre o quanto o sonho pode ser interrompido ou atravessado pelas condições sociais, mesmo que não seja determinado por elas. Ou seja, as condições sociais dadas aos negros brasileiros até o século XX não facilitaram em nada o surgimento e o sucesso de autoras e autores negros que, ainda assim, contaram suas histórias.

No campo da poesia, podemos presenciar a literatura

negra sendo vivida de corpo inteiro também pelas autoras e autores dos saraus periféricos e *slams*. A poesia inquieta que brota do asfalto não poupa versos para tocar expectadores que se mantêm vibrantes. Nesses espaços, poetas negras e negros apresentam suas performances acrescentando aos versos toda a potência da oralidade e da ginga, como num pacto de ancestralidade em que a poesia que já foi escrita se realiza também nos corpos.

Dos romances aos *slams*, é importante reconhecer o quanto ser negro e produzir literatura representa em termos de superação das condições estruturantes e do preconceito. Não se trata de um sonho garantido, mas algumas vezes conquistado. Gama, Carolina, Evaristo, Cuti, Luz Ribeiro... A cada obra, a vitória de um leão ou leoa que se negou a ser a caça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda. *Os Perigos de uma História Única*. Palestra no TED, evento estadunidense de conferências, jul. 2009. Disponível em: <http://homoliteratus.com/literatura-identidadechimamanda-adichie-e-o-perigo-de-uma-unica-historia/>. Acesso em: 11 out. 2017.

BENTO, Maria Aparecida da Silva; SANTOS, Shirley dos; SILVA JUNIOR, Hédio. *Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Educação*. São Paulo: CEERT, 2010.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263.

COUTO, Mia. *A Confissão da Leoa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul.-dez. 2005.

FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecilia Cortez Christiano de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. *Rev. Inst. Estud. Bras.*, São Paulo, n. 63, p. 103-120, abr. 2016.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2007.

JOUBE, Vincent. *A Leitura*. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.

MATA, Juan. O direito das crianças de sonhar. In: GOBBI, Marcia Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato (Org.). *Infância e suas linguagens*. São Paulo: Editora Cortez, 2014, p. 45-71.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela Negra – A Saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, jan.-abr. 2004.

RIBEIRO, Luz. *Menímetros*. 3 jan. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CTY8Fs2K3k8>. Acesso em: 15 out. 2017.

ROMAGNOLLI, Luciana. A literatura como um sonho: entrevista com Ana Maria Machado. *O Tempo*, 13 jan. 2012. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/a-literatura-como-um-sonho-1.347611>. Acesso em: 14 out. 2017.

SARTESCHI, Rosangela. Caminhos da resistência literária em seis poetas negros contemporâneos brasileiros. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 27, p. 383-397, jun. 2015.

SILVA, Mário Augusto Medeiros. *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SOUSA, Andréia Lisboa de. A representação da personagem feminina negra na literatura infanto-juvenil brasileira. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 185-204. (Coleção Educação para todos).

Submissão: 27/01/2018

Aceite: 07/03/2018